



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Celato do Porto—Paço de Sousa
Vales do Correio para Cete

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628—Porto
Visado pela Comissão de Censura

ESCLARECIMENTOS

VEIO aqui uma mulher de mando do pároco da freguesia, portadora de uma carta e, pela mão, um pequeno. Veio por duas vezes. A segunda, ficou. O rapaz vestia calça comprida, casaco e colete, botas e chapéu e uma fitinha de seda branca na lapela, com uma medalha pendente.

Nunca se vira aqui tal! O rapaz foi imediatamente rodeado e perguntado!

—Tu és um homem!

—Qual homem, diz o Sapo da Murtosa; éle é mas é um parôlo!

Este simples incidente que dá aos leitores, seguramente, muito que falar e rir, a nós, dá muito que sofrer! Primeiro que o parolo se afeiçoe à malta e esta a éle, quantas arestas não entram na engrenagem da nossa vida, que nós temos de limar todos os dias, com o suor do nosso rosto, quantas!

A *Obra da Rua* não foi criada, nem se destina a rapazes desta natureza. Os orfãos não teem cá lugar. Isto sabe-se por todo o País, menos aqui à porta!

A mulher que o trouxe, tia, ao que parece, falava em colégio. Pedia para o menino ficar no colégio. Era êste o recado que trazia!

A carta do pároco falava em caridade: é uma grande caridade aceitar o rapaz aq; e eu digo que não é. A caridade é bem ordenada. Rapazes desta indole, causam a desordem e tiram a vez aos que aqui pertencem.

O povo das vizinhanças não conhece o ser desta obra. Não está informado. É um colégio! Os que podiam informar não o fazem ou fazem-no a seu modo, o que é muito pior. Sente-se uma tórre de reticências em redor.

Observa-se sem recta intenção. O *Gaiato* não circula. Não são obreiros do Evangelho os que trabalham na obra, muito menos quem vai à frente. Não é vinha do Senhor: Ali não há religião, diz-se: Comenta-se a obra do tresloucado: Podia ter-lhe dado para atirar pedras! Receia-se muito

DOCTRINA SOCIAL

Continuamos a dar à estampa a série de palestras que foram piedosamente escutadas e generosamente atendidas. Eu tenho que as melhores notícias, são aquelas que tratam do bem que se faz ao nosso semelhante, e estas são as novas que damos ao mundo, seja de viva voz, seja ao telefone, seja pelo rádio, mas principalmente pelo nosso jornal.

Ouvintes deste pôsto emissor, venho aqui hoje trazer-vos noticias dos pequeninos da rua que nunca tiveram bafo de Mãe, em tudo semelhantes aos vossos filhos, tirante a sorte de serem por elas abandonados.

Temos muitos que chegam às Casas do Gaiato, que são hoje as casas deles, e choram de tristeza ao declarar que a Mãe lhes fugiu; eles, que queriam ter mãe, ainda que fôsse uma silva!

Nós não podemos apedrejar estas mulheres, porque o Mestre também assim não quiz fazer à pectoradora do Evangelho. Não sabemos onde está a culpa tóda. Não temos capacidade de julgar. Mas o que podemos e devemos é dobrar o amor a esta sorte de creanças e dar-lhes todo o carinho que elas merecem.

Eu cuido que os meus ouvintes hão-de gostar de saber que já hoje abrigamos perto de duzentas creanças das ruas e dos caminhos, debaixo de telhas muito amigas, nas três Casas que já possuímos; em Miranda do Corvo, no Porto, à rua D. João IV, 682 e em Paço de Sousa, onde prosseguem as obras da nossa aldeia. São noticias construtivas, cheias de humanidade, onde a creança ocupa o lugar que merece: — o primeiro.

A gente nunca se cansa de observar a estupenda alegria que estes pequeninos mostram, em presença da cama lavada que pela primeira vez se lhes apresenta; é tão santa esta alegria, que por muito se repetir, nunca chega a ser vulgar!

Depois de conhecer o que lhes é dado, pelo Bem que em nossas casas usufruem, começam estes inocentes a medir a desgraça de que eram victimas, quando dormiam ao relento. Não serão amanhã uns revoltados, porque em boa hora bateram à nossa porta.

Já somos para cima de cem, em Paço de Sousa. Dentro em breve havemos de subir mais alto. As obras da nossa «aldeia» continuam. Presentemente estão a subir as paredes da enfermaria-hospital e a seguir é a vez do edificio das escolas. Ora eu queria ver se o Porto me ajuda a construir êste edificio, em que ando tão empenhado.

Nós temos de fazer guerra ao analfabetismo. Temos de riscar da nossa Patria êste ponto negro, que é sinal de decadência. Não me tenho poupado; não me quero poupar a sacrificios, para dar a cada um destes meus filhos os meios necessários de ganhar pão. Nós já temos dois professores e escolas a funcionar. Como não temos creados e os rapazes teem de fazer tudo, absolutamente todo o serviço da comunidade, temos aulas de dia e aulas de noite, para que nenhum perca a oportunidade de se instruir. Os que já trabalham no Porto, frequentam as escolas secundárias. Temos um às portas da Universidade, em Coimbra. Temos um em um Seminário do País. Dá-se a cada um conforme as suas aptidões. Mas o meu desejo é construir na Aldeia um edificio de raiz para as escolas. Custa muito dinheiro, mas não há dinheiro que pague um português, salvo das entulheiras. Eu peço hoje a todos quantos me escutam; a todos quantos compreendem a desgraça de um povo que não sabe ler — a todos peço e espero que me ajudem a construir este monumento espiritual, dentro dos muros da nossa «aldeia».

ESCLARECIMENTOS

das suas loucuras. *Meta-se-lhe um preio nos dentes, para éle estar quieto!* Isto são ditos correntes que passam de boca em boca. Mas as certas são mais mimosos. Eis algumas palavras tiradas de uma, de vizinhos da porta, aliás bons vizinhos:

«V. (eu) é um leviano. Lamento profundamente que lhe falte (a mim) aquela cultura e aquela inteligência que sómente são possíveis com tendencias naturais e muito tempo de preparação. Com habilidade e propoganda podem fazer-se casas comerciais, mas não construir e dar rumo a uma obra dessa envergadura, daí os erros de origem que a tohem e que são muitos»
(Segue o sudario dos erros)

Ora estas e outras esborrachadelas são um mal necessário. Elas são o selo branco da Obra. Respondem à voz do povo: Santos da porta não fazem milagres, graciosa exegése daquela verdade eterna: Não há profeta com honra na sua própria terra! Eu sou natural daqui.

Nasci e criei-me aqui. Tenho irmãos e parentes vivos. Sou filho de Ramiro do Bairro e de Teresa de Antelogar. Quem me deu autoridade para fazer maravilhas? Aonde as credenciais? Olha agora o esperto! O fundador! O mestre!

Depois de eu morrer, sim. Quando os meus Sucessores tomarem conta, far-se-á luz. Mas é necessário que antes venha a morte. Se o grão de trigo não morrer, não há trigo. — Outra verdade eterna.

Com estes fundamentos, meus senhores e minhas senhoras, não há obra que sossobre, por mais violencias que lhe façam.

Os ataques são, até, uma prova da sua força.

É preciso que o Filho do Homem padeça, disse o Mestre de Si mesmo. E daqui nasce que todos quantos no mundo se aventuram a verdadeiramente amar, muito teem de padecer. São os discipulos. Por isso há tão poucos!

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Mais de Lisboa, 8 pares de calçado. Mais dos Caras direitas, no Depósito, 200\$. Mais ali, 500\$. Mais 20\$. Mais uma pulseira de ouro, que foi prenda de culto filial. Mais um uniforme da mocidade, no Depósito. Mais farinha de pau de Lisboa. Mais 50\$ no Depósito. Mais um vale de mil escudos de Lisboa. O meu espanto por Lisboa cresce cada vez mais! Já temos algumas escovas de dentes; os vendedores de Braga trouxeram-me 4 e de Oliveira de Azemeis, mandaram-nos 3. Mas não-de vir muitas mais escovas. Mais 20\$ de uma admiradora. Mais um cartão. Mais de Lisboa, esta carta:

Agradeço o favor de medizer no «Gaiato» a idade do Amadeu pois pretendo fazer um pullover amarelo para o que vender mais jornais, isto é, transitar duns para os outros e, como penso que eles são mais ou menos do mesmo tamanho talvez a idade dele sirva para medida.

Não se preocupe com o local onde me há-de dar indicação pois costumo ler o jornal de fio a pavio, com a maior satisfação.

Muito grata

uma Mãe

P. S.—Quantos anos tem o Pretita?

Os rapazes que vendem, são dos 12 aos 15 anos. O Amadeu tem 14, mas o Oscar anda-lhe com tal gana, que a camisola amarela vem a ser enfiada por ele muito em breve!

O Oscar é do mesmo corpo do Amadeu. De resto, minha senhora e boa Mãe, não faça muito caso de medidas. O corpo dos nossos rapazes afeiçoa-se a toda a roupa.

Gostaria que fosse do Porto, para os ver na venda do Gaiato, todos já notas, com a roupa que nos dão! Nem nós com a nossa pobreza, os poderíamos vestir assim.

O Pretita tem 5 anos. O Pretita! A Mãe deixou este e mais três Pretas que cá temos. Anda por lá, com um mais pequenin. Quem mo dera!

Sabe uma coisa, minha Senhora e boa Mãe, as experiências não se transmitem, mas eu cuido que a maior dor que a morte tem, é a que sofrem as Mães, quando deixam os seus filhos! A minha morte vem. Nada me custa deixar a Aldeia, mas os Pretitas—ai que dor!

Mais 50\$ de um visitante de Paredes. Mais 20\$ e mais e mais 40\$ de ditos de Bultar. Mais, idem uma Gilete e 3 duzias de escovas de dentes. Não-de vir mais. Mais 20\$ por cartão, mais de Lisboa e a caixa com garrafas e copos de vidro, mais uma caixa de licor. Teremos de o beber ao copo, pois quanto a calices—nada. Mais de um visitante 100\$.

Bênção solene da nossa Capela

É no próximo dia 24 de Março. Podia ser um nadinha mais cedo, mas a Primavera dá mais garantias. Circulam carros. Quem quiser vir mais depressa; pode tomar o seu e andar.

Tudo tem convergido para a nossa capela: os melhores mestres, os melhores materiais, o maior Banfeitor. O Prelado da Diocese, não dá a vez a ninguém e quer officiar. Não sei se em sua vida terá tido ocasião, como agora tem, de sagrar um cálice de ouro e pedras preciosas!

Espera-se que venha meio mundo.

UMA CARTA

Sou um doente de tuberculose pulmonar. Tenho em casa 3 filhos e mãe e como recurso para sustento de 5 pessoas, tenho um filho mais velho de 17 anos que ganha 400\$ mensais.

Visita minha casa diariamente, um orfão de pai e mãe chamado José, de 7 anos, que está em companhia de uma irmã, que não presta a este infeliz a atenção devida. Anda roto, quasi nu, sem calçado nem agasalhos para a quadra invernal em que estamos. Apesar da minha enorme necessidade como acabo de expor, é minha mãe que o lava e remenda quando pode, dando-lhe o caldinho ou café quando lá vai, o que faz quasi todos os dias, só faltando quando se entretém na rua, esquecendo-se do estomago.

Como digo, não é porque possa fazer isto, mas, um bocadinho que se tira a cada um, já este infeliz come qualquer coisa. Tiritando de frio quando anda na rua, porque lhe falta o calor de uma mãe, e o carinho de um pai amigo. Era uma obra de puro altruismo, retirar da rua este desditoso inocente que se continuar assim, cairá na desgraça moral. Por Deus lhe suplico, que faça o que puder, para valer a esta infeliz criança quasi abandonada. A veracidade dos factos por mim apontados, poderá ser sabida na minha residencia.

Fui lá eu mesmo. Para alguma coisa serve o passe que me dão. A Casa é numa viela. Um padre na viela? Sim; encostadinho à Graça, pode passar sem medo. Um policia estaciona. Faça uma pergunta. Sim. Era ali. Das janelas em redor, espanto e falatório.

Subi ao terceiro andar e encontrei tudo como vem a dizer na carta, piapá santa Justa. Aquêlê um bocadinho que se tira a cada um, dá para o infeliz comer qualquer coisa, apaixonou-me. Quiz ir vêr. Os chamados cientistas do seculo, deviam depôr armas e, envergonhadas do mal que teem feito, aprender a ciencia de amar; como faz este Doente ignorado!

Não era sómente alimentado; era também vestido e amparado, o pequenino de 7 anos. No momento em que entrei na casa, estava precisamente a Mãe do nosso doente a tirar as linhas de um calçadito que fizera de retalhos para o miúdo. Olhe os que elle trazia! Isto tudo, sai dos 400\$ mensais que ganha o filho mais velho! Não é o dinheiro que falta no mundo. Ele há tanto que nem os próprios Bancos o querem receber! O que falta é mais é a Caridade das almas.

Veio aqui ontem uma pobre mulher da aldeia com um pequeno pela mão, para ficar.

—Oh mulher; vá e empregue-o em casa de um lavrador.

—Não o querem, que o pão está muito caro, dizem!

Trata-se de um circulo vicioso.

Está caro justamente porque o não dão. A abundancia das coisas necessárias à vida humana, consiste no saber reparti-las, segundo a lição do Evangelho. Estas contas perderam-se ou são raras os que as fazem, infelizmente para todos nós! Entrou nas nossas aldeias a abominação da ganancia. Há dias necessitei de um alqueire de feijões e até tenho vergonha de dizer quanto paguei! Dantes não era assim!

Morrem pobres de fome e de frio nas aldeias, e os lavradores fecham as portas com medo de morrer também; eles, que a causam, pela sua ganancia!

Uma professora daqui perto, conta-me a tragédia de 3 menores: «A Mãe foi escorraçada daqui, por ladra. Consta que a mataram. Os miudinhos com fome, assaltam os quintais e eu vejo por aqui pouca caridade. Uma pobresita aninhou-os a um cantito da sua casa, até que algum rumo se lhes dê.»

É uma pobresita que bafeja os 3 desgraçados! Mataram a Mãe, por ladra? Os filhos assaltam, por fome? Ela ama e agasalha. Muito perdoa Deus a quem sabe assim amar! Oh! por quantos titulos não amo eu os pobres que fazem bem aos pobres!

Estes Doentes, estas Pobresitas, não-de confundir na eternidade os chamados grandes do mundo, pelo testemunho que deram de Cristo, em sua vida mortal! Assim eu o saiba dar.

NOTAS DO JORNAL

Foi boa. Camisola no mesmo sitio: Amadeu.

No Porto, venderam mil e quatrocentos exemplares e entregaram 355\$20 de acréscimos. O Rodrigo, tarde tornará a ir vender jornal. Ele que diga a razão! Em nossa casa, quem as faz é que as paga.

Nós confiamos dinheiro a estes rapazes como quem faz escola de provas reais. Eles não-de provar fidelidade nas coisas pequeninas, antes que se lhes entregue as grandes. O Rodrigo que se envergonhe e que se arrependa. E a tiasinha dêle, quiz, de uma vez que o foi vêr, levá-lo embora, porque o menino estava a lavar roupa: isto não é trabalho que se dê ao menino, disse!

A venda de Braga foi um nadinha mais fraca; 262 números e 23\$20 de acréscimos. Este fracasso deve-se ao Zé Sá. Ele achou-se mal e só vendeu 23 jornais e de acréscimos,—nada. Por isso chegou a casa muito abatido, não só pela venda fraca, mas também, e isto principalmente, por não ter podido comer nos senhores onde foi hóspede, mai-lo Avelino. Só comi chá.

—Então mais nada?

—Só comi chá e bolachas!

Mais sorte teve o Oscar: foi batatas e açorda com carne e toucinho e feijões e vinho e pão e maçãs e tangerinas.

Paredes, vendeu o Oscar 30 jornais e o Zé Sá vendeu 71! Quiz saber do desastre. Os dois discutem. Zé Sá defendeu-se. Oscar voltou-se para elle e diz: Olha, tu o que não sabes é mexer as flautas! Está liquidado o Zé Sá!

CARTILHO DOS RAPAZES

Felizmente para vós e o bom nome da nossa Casa, taem chagado cartas do Porto, a solicitar rapazes para trabalhar no Comércio e Indústria. Além das cartas, há muitos Senhores naquela cidade prontos a receber em suas casas algum da boas habilitações. Ora isto é de grande importância para todos, e cada um de vós deve tomar em brio o merecer ser chamado a tomar conta de uma obrigação, fora da nossa casa.

Obrigação é uma palavra muito própria, que todos aqui estão acostumados a ouvir, justamente porque não há nenhum que não tenha a sua obrigação. E sabeis porque é que nós damos a cada um a sua? É para medir as forças e experimentar o que vós sois capazes de fazer. Nós sabemos que aquêlê rapaz que dá conta do seu recado aqui em casa, também o fará no futuro emprego. Por mais pequenina que seja a sua obrigação,—se elle a desempenha bem, é prova segura de que o podemos apresentar no Porto, numa loja, num escritório ou numa oficina. Porquê? Porque todo aquêlê que for fiel nas coisas pequenas, também o será nas grandes.

Vês o nosso Amadeu Elvas? Era aqui um dos refeiteiros. Nunca se lhe notou uma falta! Por isso vai ocupar o lugar que merecia. Está bem colocado.

Há aqui outros de quem muito se espera. Não digo nomes, mas sei quem elles são. Pois a seu tempo, serão chamados.

Outra coisa que vos quero hoje dizer é o valor daquela qualidade que esperam de vós. É, até, esta mesma palavra quem vem nas cartas como vos tenho lido à noite, no refeitório, quando elas chegam. «Queremos um rapaz honesto», dizem assim as cartas. Não é só não roubar. Eu não acredito que seja capaz de o fazer um qualquer de vós que vá para um emprego. É também não mentir. Digo-te mais. É mais perigoso para ti mentir do que roubar. Porquê? Porque tens mais ocasiões do mentir do que de roubar e aonde está a ocasião é que está o perigo.

Assinaturas pagas

Continuamos satisfeitos com a nossa clientela. Todos gostam de ler e, se não são mais prontos em pagar, a culpa é toda minha, que também o não sou em cobrar. Não temos tempo. Não temos organização. O Avelino, que está à testa, anda nos quinze! O que faz, é bem feito, mas não dá ainda para manter um serviço perfeito de cobrança, por isso mesmo não cobramos. Aceitamos o que nos mandam e agradecemos.

Quando o Avelino crescer, sim. Nessa data, haverá mais Avelinos e todos juntos, podem controlar uma tiragem quinzenal de trinta mil exemplares ou mais. Oxalá que essa data venha depressa!

Manuel A. J. Machado [2 anos], 100\$; Nair, 50\$; José Teixeira Júnior, 70\$; José de Rezende Rêgo, 30\$; Manuel da Silva Ferraz, 100\$; José Augusto Fernando [2 anos], 100\$; Maria Amélia Avides Moreira, 20\$; Carlos Clavel, 50\$; Zulmira Moreira, 40\$; Georgina Barros Gomes Ferreira, 50\$; Manuel Dias Nogueira, 50\$; José da Rocha e Silva, 20\$; Maria Isabel Santos Carvalho, 25\$; João Santos, 50\$; Francisco Ferreira, 30\$; David Gomes Santos Castro, 20\$; Victor Manuel Ferreira da Rocha, 20\$; José da Silva Pinheiro, 25\$; Lucinda Machado, 20\$; Humberto Alves da Costa Monteiro, 40\$. Todos do Porto.

Maria Angélica Holbeche, 25\$; Laura Mayer Botelho [6 meses], 15\$; Dr. Leonel Furtado, 50\$; Nôemia Amélia Bastos Gonçalves, 30\$; Georgina Silva, 40\$; Major A. Pelicano Fernandes, 25\$; Isabel Maria de Brito Pires, 20\$; Ana Maria Moniz, 25\$; Margarida Pinto Bastos e Almeida, 25\$; Maria Madalena Pinto Bastos, 25\$; Dr. Alexandre Canela de Abreu, 50\$; Senhoras Andrade Ventura, 5\$; Dr. Alfredo dos Reis, 5.000\$; Dr. Humberto Almiro, 50\$; Albino Almada, 50\$.

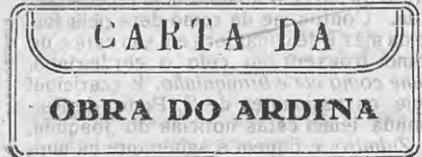
Crónica da Casa do Porto

(Rua D. João IV n.º 682)

Noticias dos nossos pobres

Na reunião de domingo, quando foi informado o estado dos pobres o Ferreirinha declarou que quando fazia a sua visita, entrou em casa o neto mais velho que tem a pobre, e ela deu-lhe maus tratos: então, o Ferreirinha, pediu-lhe que o não tratasse mal.

A pobre do Despacho, continua êle, diz que precisa de tudo, desde as



Lisboa, Calçada da Glória, 39

«O ardina compreende a fundo o que é a verdadeira amizade!...»

HÁ dias recebemos uma carta do Felisberto, que nos serve de testemunho para esta afirmação.

Antes de mais nada, deixa-me que te diga que o Felisberto tem 12 anos, gosta e aprecia o bulício da cidade, o cinema, e tem um gosto especial por aventuras, viagens, andando na «Casa do Ardina» de gramática inglesa de baixo do braço:—para aprender inglês e ir a Inglaterra um dia... encontrando-se agora fechado entre as quatro paredes e as muitas camas, de uma enfermaria do Hospital de Santa Marta.

Prometera escrever a dar notícias e a dizer o que precisava e fê-lo logo na primeira semana, como era natural. Não resistimos a transcrever pedaços da carta, tal é o carinho, a amizade que nela transparece.

«Isto aqui é um bocado triste, mas eu de qualquer maneira me entretenho. Pedia um favor à Snr.ª se quinta-feira *pedia a um colega meu* se me trazia cá um ou dois livritos das 2 hs. às 3 hs., que é a hora grátis...»

E mais adiante:
«Cá recebi com alegria a notícia de o Júlio Paiva ter saído do Hospital. Os rapazes vieram cá visitar-me no 1.º domingo com o que fiquei contente e vi como são *bons camaradas entre eles*» (é o Felisberto quem afirma isto, não nós, como vês).

E continua:
«Era o Fernando Paiva, o Ernesto, o Luís, que ainda se lembrou de me trazer duas laranjas, que eu não queria aceitar, mas êle obrigou-me. E' assim que eu conheço os *bons amigos*».

E termina:
«Tomara já estar bom para voltar para junto dos meus colegas *ardinas, do Snr. Silva, etc.*»

...E é assim, na verdade, que se conhecem os bons amigos, nestas gentilezas, generosidades, tão simples e carinhosas.

No Natal, o grupo de Foot-Ball da «Casa do Ardina» resolveu dar-nos um presente. Andaram em busca do mais solene, que podiam encontrar.

E o Ilídio—o Director do Grupo—entregou-nos num gesto desabrido, com um: «Tome lá, minha senhora»... —uma calçada de prata, num estôjo 1900.

MARIA LUÍSA.

roupas à alimentação. O Júlio no momento em que fazia a visita ao seu pobre assistiu ao curativo que a mãe do pobre fazia ao seu filho, e ela disse-lhe que muito precisava de ligaduras para lhe ligar as feridas. A pobre do Avelino, conforme êle falou na reunião, tinha a casa muito suja e o Avelino, tinha de lhe dizer que a limpasse o mais depressa possível. O ceguinho do Adriano e do Bernardino está na mesma, e continua a vir almoçar a nossa casa todos os dias. O Snr. Dr. Carlos de Castro Henriques ofereceu-se para médico da nossa conferência, para serviços clínicos que os nossos pobres precisarem, coisa que muito agradecemos. Foi também informada a conferência de que já temos 40 subscritores mensais, mas o que todos dão é ainda pouco para as necessidades que vamos encontrar.

O Rodrigo (Fabião), esteve doente. Julgamos que era o trazorelho, mas a certa altura o inchaço da garganta não havia meio de baixar, e foi chamado o nosso dedicado médico, Snr. Dr. Rui Maia que logo levou o Fabião no seu automóvel para o Hospital da Trindade onde esteve retido no leito alguns dias, e onde foi muito bem tratado pelo enfermeiro Snr. Alberto e por todo o pessoal. Agora o Rodrigo já se encontra junto de nós. O Snr. Doutor levou a sua bondade ao ponto de pagar a despesa de hospitalização, a penicilina e outros remédios com que acudiu e salvou o nosso Fabião.

Veio há dias de Miranda do Corvo mais um nosso companheiro, o João Solimano, vem para o Porto como os outros, trabalhar. Também passou por aqui e esteve pouco tempo o Senhor P.º Adriano, nosso segundo P.º Américo.

Nos domingos seja de jornal seja qual for pelas 7 horas da tarde está tudo em volta do rádio, ouvindo o relato, depois os resultados dos outros grupos, etc. Esta doença é assim, o amor que nós temos aos grupos faz isso. A propósito da bola o Luciano foi a Paço-de-Sousa jogar pelos nossos, contra o grupo de Rás, e como êle noticiou saiu vencedor por uma bola a zero.

O que nos ofereceram durante a quinzena: 36 lousas de escola e caixas de respectivos lápis; 1 embrulho de roupas e 1 carta; e uma carta com 20\$00, mais 10\$00 e mais 15\$00.

Fazem-nos muita falta guarda-chuvas velhos para mandarmos consertar e serem utilizados pelos nossos que andam a trabalhar. E também precisamos muito duma máquina de escrever... usada, Quem nos dá uma?

A serra apareceu, numa manhã de quinta-feira, coroada de neve. E' fenómeno raro.

Já pediamos ao céu que a conservasse ao menos até domingo. Fomos ouvidos.

A' hora do almoço anunciou-se o passeio: foguetes, merenda, retratos... Um delírio! Até os miudinhos estavam no ar — eu também vou?

Escolheram-se dezassete dos mais valentes e lá partimos.

Duas horas e meia durou a ascensão. O Tónio de Cete já ficava para trás a arrastar a sola.

E' indiscutível a impressão que todos sentimos ao calcar a neve pela primeira vez na vida.

Os gaiatos, saltavam, corriam, atolavam-se até ao joelho, faziam bolas e montes de neve rolava com eles pela encosta. Quizeram anunciar aos outros a sua alegria. Riscavam fôstoros uns após outros, mas o vento tomava conta deles e tiveram de voltar com os foguetes mudos. Desejava ver-me seis mezes antes, quando aquelas mesmas paragens estavam transformadas num imenso brazeiro. Pinheiros, urzes, castanheiros, raposas, coelhos e perdizes tuas desaparecia tragado pelas chamas.

Os sinos repicavam, a floresta gemia assoprada pelo vento forte. O monstro de lume avançava sempre. Alguns bra-

Ainda a minha jornada à cidade de Elvas

Eu não queria dizer mais nada, além do pouco que disse em o numero antecedente, mas ao têr conhecimento do relato dos jornais da terra, volto ao assunto.

São eles o *Jornal de Elvas* e o *Correio Elvense*. Não são da mesma pinta; divergem em seus credos! Um confessa, até, que não é católico. Mas ambos estão de acôrdo, ao falar do pouquinho que ali me deram. Nisto são os dois semanários irmãos. O *Jornal de Elvas* diz que os donativos, afinal não foram nada do que se esperava e a que o sacerdote tinha direito... E' por cortezia que ali se diz ter eu direitos, mas verdadeiramente quem os tem é a creança que pede pão. O *Correio Elvense* diz que o P.º Américo levou no bolso do seu pequeno Amadeu a quantia de 1.400\$00, toda a soma da colheita felta em Elvas, como resposta ao seu apelo. E acaba com um grande ponto de admiração, sinal de reverente censura.

Em Lisboa, para onde me dirigi no dia seguinte, já se sabia da generosidade do povo de Elvas certamente por alguém que ali estivera.

—Teem muita riqueza e não teem mais nada, escutei em um dos Ministérios.

Levei comigo o Amadeu, de Elvas irmão do Júlio, cuidando dar com isso gosto aos Elvenses. Apresentei o pequeno; fiz que êle mesmo fôsse o portador do recado de cada um. O Amadeu colocou-se à porta de saída, de mãos abertas. Ele era ali o ponto final de uma página amorosa acabada de lêr por mim, de como se levanta dos caminhos a Creança desditosa. Ele tinha sido essa mesma Creança desditosa nas ruas da cidade! Por isso mesmo não poderia duvidar da corôa dos meus trabalhos. Havíamos de trazer pão. Engano!

Dali, fomos contar. Menos dos 1.400\$ de que fala um dos periodicos! O Amadeu quasi chorava: *tão pouco que nos deram!*

—Que queres, meu filho; temos de nos contentar!

Assim se enganam creanças! Maldito seja o dinheiro que serve para enganar creanças!

vos pretendiam dominá-lo com ramos verdes, mas o calor sufocava-os. A'gual A'gual! Gritavam as guelras ressequidas; o eco porém voltava sempre sem resposta.

Mas eu já estou longe daquelle Mirante de Coimbra, donde se contemplam os infelizes que moram nas areias de choupal, na cruz duma cama do hospital ou no fundo dum catre fétido.

Já me tem sucedido sair dali, a correr



para não deitar a carga ao mar. Precisamos de vez em quando, dos ares puros da montanha. Aqui, no alto da serra revestida de neve, de brancura deslumbrante, longe dos homens e mais perto do infinito, rodeado de duas dezenas de crianças cansadas de tanto rolar na neve, mas felizes de emoções nunca experimentada—como isto é lindo! lindo! —sente-se melhor a abjeção da porta aberta, a infâmia do aljube e a náusea da atmosfera meffica do bêco, donde todos foram arrancados.

Lá ao longe a floresta virgem de

Noticias da Casa de MIRANDA

por Carlos Alberto Fontes

Os nossos Pobres

Continuamos a visitar os nossos pobres:

A tia Inocência teve a pouca sorte de lhe cair o forno que tinha na cozinha. Andaram lá alguns meninos da Conferência a tirar a terra que caíra com a chuva, porque nem espaço ficou para elle fazer o caldo. A tia Teodora pouco mais tem que comer que a esmola que nós lhe levamos, e, quando nos vê com a esmolita que é para ella, levanta as mãos a Deus dizendo assim: *Abençoados os que mandam e os que trazem. E' a pobrezinha mais agradecida da nossa Conferência. A' pobre da Estação também aconteceu o mesmo: caiu-lhe o forno. Os filhinhos andam todos mal trajados, com a barriga muito grande e da fome que passam e de serem obrigados a comerem o que não presta!*

O Secretário:

Carlos Alberto Fontes.

Uma admiradora do senhor P.º Américo, e muito amiga da Obra da Rua, ofereceu 5 litros de azeite para nós. Outra pessoa tem-nos dado lenha de oliveira para o nosso forno. Já lá andam dois meninos, o Manuel Marques e o Barrigana, a juntá-la para a irem buscar com o carro do boi.

O senhor P.º Américo, alegrou-nos com a promessa de levar alguns de nós a Paço-de-Sousa à inauguração da capela. Mas o Senhor P.º Adriano só deixa ir alguns que se portarem bem! E se todos merecessem?

O João Augusto, teve a sorte de ir para a casa do Porto. Nós tratavamo-lo por *Solimano*. Vamos a ver se êle nos dá o exemplo e não envergonha esta casa de Miranda.

Agradecemos muito ao senhor Carlos Cunha por nos dar uma bola. Já fizemos um desafio com ella para nos treinarmos um pouco. Nós os Gaiatos quem nos tira a bola é como quem nos tira a vida. Para haver mais ordem ficou destinado que só se joga ao Domingo, Terça, Quinta e Sábado. E' para poupar os sapatos e a bola.

O nosso moínho está quasi pronto. Andam agora a fazer um pilar por onde a água deve de passar para bater em cheio em cima da roda. Temos pedra, temos água o que não temos é o grão para moer. Um sr. daqui já prometeu algum milho.

Num Domingo destes fomos dar um passeio à serra de Lousã e tiramos lá algumas fotografias que ficaram bonitas. Estava tudo coberto de neve que era um encanto. O Passarinha é que ia à-frente a fazer os buracos na neve por onde todos haviam de passar para não escorregarem da serra a baixo. Quando chegaram o Joaninha vai assim para o Bucha que cá tinha ficado a jogar a bola: Olha nós merendamos e enchemos a barriga de foguetes!

de muitas almas inocentes. Faz pena que o eco da nossa voz volte tantas vezes sem resposta.

Tem rasgões a cabana que armámos aos pobres do choupal, mas continua de pé a ser o pobre abrigo de sete pessoas. O Avelino continua a sofrer resignadamente, mas sem falta de leite. Voltaram-lhe as forças com a alimentação.

O nosso apelo a favor da familia do Largo da Feira, encontrou eco em corações bondosos do Porto, Coimbra e Covilhã etc. As Criaditas dos Pobres regosijaram-se com a generosidade do Zé Ninguém de Lisboa e nós todos muito nos alegramos porque não acabou ainda a caridade na terra.

De Leiria 300\$; do Castelo 20\$, 50\$, 5\$, 150\$, e 15\$; De Lisboa 50\$, 90\$, 150\$; Do Porto 200\$ e 1000\$; da Covilhã, uma peça de fazenda, 50\$, 10 litros de azeite. Em Coimbra mais cem de mãos anónimas que ainda há pouco deram 1000\$ Um lençol na Coimbra Editora; Um cobertor; 100\$ de Chão de Couce; 50\$ de Tortozendo; 40\$ de Coimbra; Lenha e mais lenha e 20 litros de azeite e 5 em Miranda; batatas feijão e roupas usadas, de Manteigas.

ISTO É A CASA DO GAIATO

TEMOS agora, em média, uma dúzia de galinhas e o Cândido dos Guindais. Já temos uma com ovos, a chocar. O Carlos botou os ovos. Foi necessário colocar o ninheiro sob chave, na casa da lenha. O zelo dos rapazes obriga-nos a estas precauções. Costumam eles verificar à luz do sol, quando e se o pintainho aparece. Tanto vezes o fazem e tantos nascem! Mas agora, não.

HOUVE ontem aqui um incidente muito sério por ser de lesa-autoridade. Foi o caso que o Rio Tinto, um chefe, chamou a contas o Francisco de Lisboa. Ele é refeitorcio e dá as merendas. Ora o Francisco, ao ser repreendido, em vez de aceitar em silêncio, levanta a voz: *o que tu queres é que eu te dê figos!* Ora isto não está nada de acordo com a disciplina que convém a uma casa de educação, com mais de um cento de educandos! Espera-se que o Francisco retire a frase.

TEMOS a nossa enfermaria cheia. Nada de importância. São *creadelas* que, no entanto, retêm no leito os felizes pacientes. São eles o Manuel de Lisboa, o Filipe do Seixal, o Valdemar do Pôrto, o Luiz da mesma cidade, o António de Penafiel, o Gastão de Lisboa, o António de Nafe e o Daniel de Paredes. A Menina Maria da Luz, não tem mãos a medir e é auxiliada pelo Zé Maria.

Ele há um grande remédio para esta sorte de *creadelas*, sabendo-lo por experiência; é o óleo de fígado de bacalhau. Mas aconteceu-nos uma desgraça. Mandou-se um barril para encher, isto em Dezembro do ano findo, e o dito extravioou-se nos serviços da C. P. Temos cá, desde então, uma vazilha da Casa de Miranda e uma outra de um asilo para repartirmos o bôlo, e todos ficamos sem nada, pois que não há esperanças do barril aparecer. Mandou-se agora um outro barril de 60 litros para Aveiro e estamos à espera. A outra fonte, era em Lisboa.

A nossa Assistente Social passa temporadas no Lar do Pôrto, de onde irradiava a colher informações nas ilhas.

Levava recado de uma irmã Martins, para lhe saber de uma irmã que lá tem. O António é um ingerido que cá temos. E' o *Moléstia*. A Menina Maria da Luz, como eles lhe chamam, chegou do Pôrto e o Moléstia logo quis saber:

— Falou com a minha irmã?
— Olha; não dei com a casa.
— E' porque a senhora não é fina comamim, senão dava!

O Periquito stá neste momento aqui ao pé de mim, a escolher sêlos no cêsto dos papeis. Esta é a semana dele. Outros têm outras. O Preto, o Zé Eduardo e outros. Eu acho graça a esta irreverência de não sequer pedir licença se o podem fazer!

ONTEM à noite chegou à nossa aldeia um estranho viajante. Chovia. O frio cortava. Era um rapaz com aparência de onze anos. Trazia na cabeça um chapéu de abas largas, sem copa. Um capote alentejano cobria-lhe o corpo. Nos pés, nada. A tira-colo, uma saca muito suja com esmolhas de pão. Entrou na rouparia e contou de como ouvira falar nos caminhos, da Casa do Gaiato.

— Quero ser carpinteiro, que o meu pai também era!
No dia seguinte, o pequenino foi entregue aos cuidados do António, carpinteiro chefe, para ser um *carpinteiro*.

O Rio Tinto e o Avôzinha e o Carlos, tinham-me pedido com larga antecedência, para irem ao Pôrto ver o Sporting, e eu disse que sim. Falava-se na Comunidade da grande sorte limitava o acto: só três. Chega o dia. Eu parso pela cozinha. Como era domingo de

folga para o Carlos, estava ao fogão sômente, o Zé saltimbanco, chamando por mim a um corredor, a dizer que o Carlos já tinha tido ocasião de ir ao Pôrto ver o Sporting e que o Constantino, nunca.

Eu ia escutando, a pasmar do espírito de justiça desta creança que fora das ruas! Daí a nada, aproxima-se o Zé Eduardo com a mesma pretensão: *Deixe ir o Constantino, que o Carlos já viu o Sporting jogar*.

Entre na cozinha novamente. O Constantino enfiava achas na formalha. Os dois *advogados* também entraram e disseram. Constantino olha para mim, agradece com um sorriso e continua no seu trabalho.

Vinha agora a segunda parte, que se me afigurava ser a mais difícil: Dar a notícia desagradável ao Carlos. De novo pasmei: *Sim Senhor; muito bem*. E imediatamente toma conta dos trabalhos, para que o companheiro se fosse arranjar. Quantas lições não dá aqui à Mocidade de burzeguins, esta mocidade das ruas! O Constantino, sabia que era o Carlos o escolhido para ir ao Pôrto, e nunca se queixou! O Carlos, ouve a noticia de que não vai, e diz generosamente que sai! Boa, óptima camaradagem.

Os pequeninos *advogados*, intercedem espontaneamente e dão fé do que a mim escutara: *olhe que o Constantino*

nevera foi e o Carlos, já. Não pedem nada para si. Querem o Bem dos outros. Outra vez camaradagem. Generosa camaradagem. Eu iria mais longe e chamava-lhe espírito de justiça.

Ele há muita gente que tem medo da palavra *justiça*; gosta-se mais de ouvir falar em *caridade*, mas não. Aquela é que é a base do Amor.

Onde reinar o espírito de justiça, há necessariamente o verdadeiro amor.

O Zé saltimbanco, aparece-me às vezes a fazer queixa dos cozinheiros, que lhe chegam a roupa ao pêlo, de refilão que é. Mas o Zé ama: *olhe que o Constantino ainda não foi!* Quere-lhe bem.

CHEGOU há dias o Joaquim Pereira de S. Pedro da Raimonda. O Pároco daquela freguesia pediu e tornou a pedir e por se haver dito que sim, o povo quiz assinar o *Gaiato*, de tantas diabruras que ali fazia o malvado! Despachamos 30 numeross por quinzena. Oxalá se não enfadem!

Pois bem. A folha do Joaquim, é uma das mais sujas que nos tem aparecido. A nossa assistente social, já o conhecia, por inquiritos que lhes fez e confirma tudo quanto se diz do rapaz. Ele chegou à nossa aldeia e logo foi talhar mato, juntamente com os do campo. Depois,

confiou-se-lhe a guarda do rebanho. Com certeza que tem tudo quanto trouxe; está conôscio há poucas semanas e aqui não há fábrica de fazer santos, como alguém disse, despeitado! Mas o que é certo é que o vadio ainda se não manifestou, e pode muito bem acontecer, que as ovelhas o curem! Ele é muito amigo delas. Topei-o hoje de tarde com um braço de palha. *Venha ver*, disse-me. Fui. Era para fazer o ninho a uma recém-nascida. Contou-me de como dera pela falta da mãe e de como fora em sua cata e de como trouxera ao colo o cordeirinho. *Olhe como ele é branquinho*. E acariçou! Que os assinantes de S. Pedro de Raimonda leiam estas noticias do Joaquim, o *Zulmiro*, e fiquem a saber que há muitas almas que se perdem por falta de quem saiba amar.

O Zé Maria de Cinfães já dá injeções. Até aqui era em batatas, agora é nos doentes. O primeiro foi o Gastão. Viva o Zé Maria!

TEMOS leite a cantaros e nata, nem se fala. Tivessemos nós as coisas necessárias para fazer queijos, mas o pão é o nosso primeiro cuidado. E' o problema.

UM VISITANTE

Um Inspector da Assistência Oficial, quiz ter a bondade de nos vir conhecer de perto. Esteve uma noite e um dia. O Zé da Lenha e Elvas, foram esperar à estação. O Alfredo, ficou de fachina ao quarto de dormir. Zé da Lenha, acompanhou o nosso Hospede na visita oficial. O Inspector, tomava apontamentos: *escrevia num livro*, como o Zé informou.

A' despedida, aquêlê Funcionário, quiz saber quanto eu gastava.

— Não sei.
— ?!
— Sim; não sei. Nós não fazemos contas. Assentamos as despesas, isso sim.

O Senhor Inspector, a seguir, perguntou quais as receitas.

— Temos três fontes de receita, meu senhor: A nossa pobreza. O nosso trabalho. O que se reparte pelos pobres.

— ?!
— Sim senhor. A nossa pobreza, é fonte de receita. Pouparamos o calçado, o vestir, o sabão, o azeite, a lenha, a farinha. Tudo isto são valores riais. *Remenda o teu pano... Torna a remendar...*

O nosso Visitante escutou e quiz ouvir acerca da segunda fonte de receita.

— Sim; o trabalho. O trabalho que os nossos rapazes produzem. Eles é que fazem tudo. Suponha V. Ex.^a que nós tínhamos aqui um vigilante para cada dúzia deles? Era logo uma grossa de vigilantes! E se juntassemos o clássico *Pessoal Malor e Pessoal Menor*. Os do *Quadro* e os *Assalariados*; todos êsses males necessários à Assistência Oficial, feita e desfeita por Decretos, quanto não gastaríamos, meu Senhor?!

O meu interlocutor ia abanando a cabeça.

— Já agora, diga-me, também, como pode ser fonte de receita aquilo que vocês dão!

— E' a principal fonte! Estas são as contas mais fáceis, mais simples

e mais certas. Nunca ninguém se enganou. Não poderia enganar-se. São garantidas pela promessa divina: *Date et dabitur*.

Mas como é verdade que aquilo que fatalmente sucede a quem dá alguma coisa, é ficar imediatamente sem ela, muitos há que lêem a fórmula e não entendem!

O Senhor Inspector admirava o cunho da certeza que aparecia nos argumentos de um homem experimentado. Pôs ponto e virou a página.

— Regulamento?
— O mesmo que fazem os Pais a quem Deus favorece com muitos filhos.

— ?!
— Sim; êste é o nosso regulamento. Cada um regula-se por si e os Orientadores, acompanham de perto o pertinente e veem que a creança se regule bem. Ora eis.

O nosso bom Amigo ouviu com gosto. Aprovava com as mãos ambas. Desejava propôr o mesmo nas grandes obras de Assistência à creança da rua, mas quê! Nada poderia fazer por causa, justamente, dos regulamentos! Ali vai tudo por pautas. Até o que se come é da pauta!

Estavamos chegados ao fim, e o Enviado do Governo mostrou desejos de saber qual a idade em que mandamos embora os nossos rapazes.

— O Pai de V. Ex.^a teve muitos filhos?— perguntei:

— Teve, sim. Eramos 18 irmãos dos quais vivem hoje uns 8.

— Qual a idade em que os mandava sair da casa?

— Oh! Essa pergunta não se faz!

— Pois não, meu Senhor. Fazê-la é condenar a obra.

Eram horas do comboio. Os dois que ontem o foram esperar, tomaram hoje as malas, para o condurir.

— Posso dar-lhes uma gorgêta?

— Pode oferecer, mas eles não aceitam.

Os rapazes já iam longe e nós ficamos a combinar uma derradeira prova: O Inspector ateimaria e eu dir-lhe-ia para Lisboa o resultado.

O Elvas chegou primeiro, com duas moedas de 5\$00 na mão: *Foi à força; uma para mim, outra para o Zé!*

Nessa mesma hora, comuniquéi para o Inspector-visitador o que se pode fazer dos pedintes do *tostão-sinho*. E não havendo mais nada a tratar fechou-se o livro.

Crónica da nossa Aldeia

por José Eduardo

Já fizemos a muda do convento para as casas novas, onde estamos muito melhor. Só lá ficou em baixo no Conventos um para tomar conta da casa e de servir as rações aos porcos e às galinhas. Todos andam atarefados a fazer as suas obrigações para a casa andar sempre limpinha.

A nossa horta está uma delícia. Dá gosto, olhar para ela, do nosso campo da bola.

Tôdas as pessoas que passam por ela ficam admiradas da maneira que os nossos rapazes as tratam.

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.^o volume, alguns dos quais em 2.^a edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro. Onde-se nas Livrarias do País.